

VIOLÊNCIA DE GÊNERO A PARTIR DO IMAGINÁRIO DE “MULHER-MACHO”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA EM INTERFACE COM A PSICANÁLISE

**GENDER VIOLENCE FROM THE IMAGINARY OF THE
“MASCULINE WOMAN”:
A DISCURSIVE ANALYSIS IN INTERFACE WITH
PSYCHOANALYSIS**

**VIOLENCIA DE GÉNERO A PARTIR DEL IMAGINARIO
DE LA “MUJER-MACHO”:
UN ANÁLISIS DISCURSIVO EN INTERFAZ CON EL
PSICOANÁLISIS**

Natalie Veríssimo de M. Farias

Graduada em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem na Unicap.

Elaine Pereira Daróz

Doutora em Estudos de Linguagem (UFF/CAPES). Professora/Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Resumo

Ao ocupar uma posição historicamente masculina, a mulher ainda é alvo de dizeres e atos que tentam realocá-la no imaginário historicamente construído. O artigo põe em análise como se dá o funcionamento do discurso machista por meio de uma discussão sobre imaginário, formações imaginárias e posição-sujeito (Lacan, 1998; Pêcheux, 2014) a partir de dizeres que constroem a personagem Rosa Palmeirão enquanto representação de um lugar dentro da sociedade, assumindo como pressuposto o imaginário de “mulher-macho”, sustentado pela crítica de Simone de Beauvoir à visão psicanalítica da mulher que imita o macho. A análise discursiva foi realizada por método qualitativo. A reflexão envolveu a análise de práticas embebidas na ideologia patriarcal voltadas a mulheres na política. Dessa reflexão foi possível compreender que mulheres discursivizadas socialmente por um imaginário da “mulher-macho”, nos moldes de uma ideologia patriarcal, não mais podem ocupar a posição-sujeito mulher, restando-lhe apenas um não-lugar face a sua (r)existência.

Palavras-chave: Imaginário; Formações imaginárias; Posição-sujeito; Mulher na política; Ideologia patriarcal.

Abstract

By occupying a historically male position, women are still the target of words and actions that attempt to relocate them in the historically constructed imaginary. The article analyzes how sexist discourse works through a discussion of imaginary, imaginary formations, and subject position (Lacan, 1998; Pêcheux, 2014) based on statements that construct the character Rosa Palmeirão as a representation of a place within society, assuming as a premise the imaginary of the “macho woman,” supported by Simone de Beauvoir’s critique of the psychoanalytic view of women who imitate men. The discursive analysis was conducted using a qualitative method. The reflection involved the analysis of practices embedded in patriarchal ideology aimed at women in politics. From this reflection, it was possible to understand that women socially discursivized by an imaginary of the “macho woman,” in the mold of a patriarchal ideology, can no longer occupy the position of female subject, leaving them only a non-place in the face of their (r)existence.

Keywords: Imaginary; Imaginary formations; Subject position; Women in politics; Patriarchal ideology.

Resumen

Al ocupar una posición históricamente masculina, la mujer sigue siendo objeto de dichos y actos que intentan reubicarla en el imaginario construido históricamente. El artículo analiza cómo funciona el discurso machista a través de una discusión sobre el imaginario, las formaciones imaginarias y la posición-sujeto (Lacan, 1998; Pêcheux, 2014) a partir de los dichos que construyen el personaje de Rosa Palmeirão como representación de un lugar dentro de la sociedad, asumiendo como premisa el imaginario de la «mujer machista», sustentado por la crítica de Simone de Beauvoir a la visión psicoanalítica de la mujer que imita al hombre. El análisis discursivo se realizó mediante un método cualitativo. La reflexión implicó el análisis de prácticas imbuidas de la ideología patriarcal dirigidas a las mujeres en la política. A partir de esta reflexión, fue posible comprender que las mujeres discursivizadas socialmente por un imaginario de «mujer-macho», según los moldes de una ideología patriarcal, ya no pueden ocupar la posición-sujeto mujer, quedándoles solo un no-lugar frente a su (r)existencia.

Palabras-clave: Imaginario; Formaciones imaginarias; Posición-sujeto; Mujer en la política; Ideología patriarcal.

O Outro e o Imaginário – breve passo de Lacan à Pêcheux

Na elaboração de sua teoria de Análise de Discurso, Pêcheux entrelaçou conhecimentos de três áreas distintas: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo (Oliveira, 2010). Como afirmam Magalhães e Mariani (2010), ele reuniu três campos do saber: uma teoria das formações sociais e suas transformações, uma teoria não subjetivista da enunciação e uma teoria materialista dos processos semântico discursivos. De acordo com Mariani (2003), para os estudos da discursividade foi preciso levar em consideração uma teoria do sujeito de base psicanalítica, e, para isso, Pêcheux vai se apoiar em Lacan.

Nesse sentido, a articulação entre Análise do Discurso e Psicanálise lacaniana assumida neste trabalho não se dá por justaposição teórica, mas pela compreensão de que a teoria do sujeito formulada por Pêcheux (1995; 2014) se ancora em pressupostos psicanalíticos, sobretudo aqueles elaborados por Lacan (1998). O conceito de imaginário, mobilizado aqui, não é tomado em sua dimensão clínica, mas como fundamento para a compreensão das formações imaginárias enquanto representações sócio-históricas que organizam os lugares dos sujeitos no discurso. É, portanto, a partir da AD materialista que se constrói o gesto analítico, sendo a Psicanálise convocada como base teórica para pensar a constituição do sujeito, sua relação com o Outro e os efeitos ideológicos que atravessam os processos de significação.

É nesse horizonte teórico que a formulação lacaniana acerca do Outro se torna central para os estudos discursivos. O Outro designa aquilo que Lacan recorta como uma cena anterior, exterior ao sujeito e estruturada pelo simbólico (Magalhães & Mariani, 2010). Ao afirmar que o “inconsciente é o discurso do Outro”, Lacan (1998) oferece um ponto de ancoragem decisivo para a Análise do Discurso, retomado por Pêcheux em *Semântica e discurso* (1995). Nessa perspectiva, Pêcheux sustenta que “o imaginário no sujeito, lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade, não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao Outro” (Pêcheux, 1995, p. 163), evidenciando como a dimensão imaginária opera na constituição do sujeito e na produção dos efeitos ideológicos do discurso.

Da teoria, Fukue (2009) resgata que o sujeito se encontra inserido na história pela sua inscrição no simbólico, sendo afetado ideologicamente, ou seja, interpelado. Essa interpelação cria a ilusão de autonomia do sujeito, dando a impressão de ser ele a origem do seu dizer. O sujeito é constituído pelo esquecimento daquilo que o determina (Magalhães e Mariani, 2010).

A relação imaginária com a realidade surge da tentativa de complementar uma falta, uma ausência existente entre a mobilização do sujeito ideológico e do sujeito inconsciente, em busca de uma completude (Fukue, 2009). Mas é nesse ponto em que se diferenciam os imaginários de Lacan e de Pêcheux: para a teoria psicanalítica (Lacan, 1998), o imaginário surge dentro da relação do sujeito consigo mesmo e com o outro, mediada por imagens e projeções e compondo a instância psíquica dentro das relações. Para a Análise de Discurso pecheutiana (Pêcheux, 1995; 2014), trata-se de representações que organizam como os sujeitos se veem e veem os outros dentro de um processo discursivo e que estruturará as posições-sujeito e as relações de poder.

Essas representações, que passam a ser chamadas na AD de formações imaginárias (Pêcheux, 2014), são, portanto, produto de relações sócio-históricas. O sujeito é interpelado por meio de sua identificação com uma forma-sujeito da formação discursiva dominante (Fukue, 2009). “Ao dizer “eu” desse lugar imaginário e identificado à formação discursiva que o domina, o sujeito materializa sua inserção na história, mostra um percurso de sentidos na língua” (Mariani, 2003, p.70).

Na pretensão de analisar a (re)produção do imaginário de “mulher-macho” dentro de práticas de violência de gênero, encontrando-se presentes em dizeres diferentes, mas que (re)produzem sentidos filiados à ideologia patriarcal dominante, optamos pelo caminho discursivo. Tendo concatenado conhecimentos da teoria lacaniana do sujeito com as relações sócio-históricas, a AD nos permite investigar como determinadas formações discursivas encontram-se ainda sendo (re)produzidas em práticas sociais, pois, como afirmam Magalhães e Mariani (2010, p. 406): “o discurso não é uma construção de um sujeito independente das rela-

ções sociais (...) o fazer discursivo é uma práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais”.

“Mulher-macho” – imaginário associado à mulher deslocada

Em sociedades como a nossa as mulheres vivem em uma crescente conquista de direitos, graças a movimentos e lutas por espaço. São liberdades legalmente conquistadas. No entanto, do legal à prática vivida e aceita há uma distância marcada por discursos que mantêm viva na memória a sua submissão. São discursos que movem sujeitos à manutenção de uma ideologia, que se faz presente em dizeres que (re)criam o imaginário de mulher, fortalecendo obstáculos que reproduzem o discurso de hierarquização entre os gêneros, a posicionando inferiormente em relação ao homem, diminuindo a importância do seu trabalho e do seu dizer perante a sociedade. Trata-se de discursos, portanto, que incitam o questionamento sobre sua capacidade em atividades associadas historicamente ao homem, de muita evidência, com o direito a palavra e poder de decisão.

Os papéis associados à mulher e ao homem despertam sentidos já naturalizados. Segundo Pêcheux (2015, p.43), “um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é susceptível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio de uma memória”, o que possibilita que os sentidos resgatados desse acontecimento ressoem e, por isso, tornem-se naturalizados.

A memória “é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...] Um espaço de desdobramentos, réplicas, polémicas e contradiscursos” (Pêcheux, 2015, p. 50). Deslocamentos que promovem a desnaturalização dos papéis de gênero fazem funcionar um jogo de força que originam movimentos de retomada dos implícitos da memória, funcionando em prol da manutenção da ideologia dominante, operados por discursos que repercutem na não aceitação do acesso da mulher a espaços dominados por homens, discursos (re)produzidos que resgatam da memória o imaginário de mulher, sua posição-

-sujeito, através de práticas que rememoram sua objetificação e subserviência.

Para Pêcheux (1995; 2014), o sujeito vai se identificar com a formação discursiva que o domina, estando sua percepção sendo sempre atravessada pelo “já-ouvido” e pelo “já-dito”, o que constituirá a substância das formações imaginárias, ou seja, o lugar que os sujeitos atribuem para si e para o outro no discurso. É um mecanismo de antecipação originado das formações discursivas em jogo. Quando identificado à ideologia patriarcal, o sujeito mantém em funcionamento discursos que reproduzem o imaginário de mulher que ressoa na história e que reforçam as relações de poder existentes entre os gêneros.

Os sentidos mobilizados por discursos dessa natureza projetam um imaginário de mulher submissa e refém dentro dessa relação. Esta posição-sujeito engloba outras posições-sujeitos associadas à mulher, como mulher-mãe, mulher-esposa, mulher-filha, mulher-deusa. Quando uma mulher passa a ocupar o lugar historicamente ocupado por homens, ela discursivamente movimenta novas possibilidades na cadeia de sentidos concernentes à posição, ideologicamente demarcada, que a mulher deve ocupar no seio social. Assim sendo, ao deslocar-se de seu papel, a mulher é imaginada como um ser “fora dos padrões”, promovendo práticas e discursos que, ao mesmo tempo, rejeitam esse novo imaginário e tentam resgatar o antigo.

Indispensável mencionar que, para mulheres de classe, cor e raça (Davis, 2016) diferenciadas, o imaginário também se diferencia. São as posições-sujeito como mulher-negra, mulher-branca, mulher-indígena, mulher-rica, mulher-pobre. Para mulheres não pertencentes à classe hegemônica, branca e burguesa, a ascensão a uma posição de poder requer se deslocar de outras posições-sujeito pré-estabelecidas, como no caso de uma mulher negra, que enfrenta a rejeição quando assume uma posição naturalizada de mulher branca e quando assume uma posição naturalizada masculina. Para ela haverá mais obstáculos dentro da ideologia dominante. Considera-se, portanto, que entre as mulheres houve e há hierarquização, mas que, dentro do recorte escolhido, o que está em análise é o fato de que para nenhuma delas

dentro do patriarcado seria plenamente aceita a sua ascensão a uma posição masculina.

Dentro desse campo de análise, observa-se que quando a mulher se desloca, ocorrem contra identificações que promovem no imaginário um ser que não é nem mulher, nem homem. Utiliza-se como pressuposto para a discussão aqui a crítica feita por Simone de Beauvoir (2019, v.1 p.80): “é particularmente entre os psicanalistas que o homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea: todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho”.

Nota-se que é dito sobre ela imitar não o ser humano nem o homem, mas sim o macho, um ser pertencente ao masculino, mas não exatamente humano. A mulher, passa, então, de fêmea, a qual pode ser controlada, a ‘macho’, com instintos violentos e não controlados. A autora afirma como enxerga a posição da mulher na sociedade (Beauvoir, 2019, v.1 p.81): “a mulher define-se como ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores”, sendo esta uma visão que se desidentifica da ideologia dominante. No entanto, é o imaginário de “mulher-macho” que se encontra discursivizada sendo ainda muitas vezes posta em funcionamento.

Sendo assim, ao quererem ocupar espaços reservados aos homens, aos quais pertence o poder de dominação pela força e pela palavra, as mulheres passam a ser caracterizadas como a sua hipérbole e selvageria, dentro do imaginário associado ao fantasiado macho animalesco. Passam, portanto, a serem duras, violentas, histéricas, raivosas e loucas, detentoras de instintos não controlados, seres não naturais, nascidos do imaginário de “mulher-macho”, uma posição-sujeito que se inscreve diferentemente da posição-sujeito mulher, ocupando assim um lugar outro, um não-lugar numa sociedade patriarcal. A mulher que ousa se deslocar de sua posição idealizada, passa a ser posicionada como esse novo ser, evidenciado pelo temor ou pela piada para resgatar da memória sua função de objeto sexual, fêmea, passível de dominação.

O artigo, portanto, é construído tendo como pressupostos o imaginário da “mulher-macho” discursivizado a partir da análise de Beauvoir, e o discurso que fica entre o medo e a riso, geralmen-

te em tom jocoso, associado à mulher empoderada, tomando-se como referência os dizeres que constroem Rosa Palmeirão, uma das principais personagens da obra *Mar Morto*, de Jorge Amado. Ela é associada à Pombagira, entidade pertencente à Umbanda e ao Candomblé, a qual se manifesta como uma mulher independente, liberta da submissão do patriarcado, sendo, por isso, alvo de preconceitos, por transgredir o papel naturalizado para todas as mulheres de nossa sociedade, o de objeto sexual em submissão ao homem, devendo, por isso, ser temida, como veremos a seguir.

De flor a pavor - Rosa Palmeirão discursivizada entre o cômico e o trágico

O romance *Mar Morto*, de Jorge Amado, foi publicado em 1936, e tem sua narrativa mobilizada pelas personagens femininas. Dentre elas destacamos Rosa Palmeirão: “Pensavam que no dia em que ela se zangasse apareciam o punhal e a navalha, o corpo desaparecia” (Amado, 2012, p.59). Ela é construída por meio de uma linguagem que a coloca como um ser que se desloca entre o masculino e o feminino, sendo bela e destemida, características que a obra coloca como sendo contrastantes, reproduzindo o discurso que mantém a oposição ‘mulher X homem’, e a hierarquização do masculino sobre o feminino, por meio da criação de um imaginário de “mulher-macho”. Esses discursos resgatam o imaginário de mulher dentro da ideologia dominante, rememorando sua submissão, e funcionam dentro de práticas de violência e desmoralização que objetivam o seu silenciamento.

A personagem é introduzida na obra com os seguintes dizeres: “Rosa Palmeirão tem navalha na saia. Tem brinco no ouvido e punhal no peito. Não tem medo de rabo-de-arraia. Rosa Palmeirão tem corpo bem feito” (Amado, 2012, p. 52). Discursivamente, o trecho a apresenta com atributos associados ao feminino, com o uso da saia, dos brincos, mas que carrega em si armas, associadas ao masculino, navalha e punhal, afirmando ser destemida. A descrição do seu corpo como sendo ‘bem-feito’ e da localização dessas armas (re)produz efeitos de sentido que objetificam a mulher, carregando um discurso que a sexualiza, e que, mesmo descrevendo-a como destemida, resgata sua posição na memória discursiva.

A sexualização resume a mulher ao seu corpo com atrativos sexuais, como pode ser inferido da passagem seguinte: “ah!, não seria nada se ela não tivesse o corpo bem feito” (Amado, 2012, p.52). A sequência resgata o sentido da mulher objetificada, em que sua existência depende unicamente da possibilidade de sua dominação enquanto objeto sexual, e que se ela se apresentar fora do estabelecido pela memória discursiva, e fora dos padrões que sustentam sua objetificação, nada pode ser.

A próxima sequência reafirma a fragilidade e os limites para a existência do gênero feminino quando descreve a personagem com gestos e comportamentos associados ao masculino: “quando eles entraram, Rosa Palmeirão estava sentada no balcão e ria muito, os braços abertos, um copo na mão. [...] Rosa Palmeirão tinha mesmo muita graça, abanava as mãos, falava igual a um homem, bebia como poucos” (Amado, 2012, p.55).

O discurso se faz presente quando Rosa Palmeirão é descrita representando uma mulher sem as amarras de uma ideologia patriarcal, assim como a Pombagira, e, por isso é igualada a um homem, não possuindo mais direito a seu gênero “natural”. Faz-se importante trazer à discussão os imaginários distintos para a mulher branca e para a mulher negra. Segundo Lugones (2020), dentro de um discurso colonial, a mulher branca é imaginada frágil, contida, reprimida sexualmente, enquanto a mulher não-branca encontra-se no imaginário como apta a esforços braçais, sendo também hiper sexualizada, pois desde a escravidão seus esforços seriam úteis ao trabalho escravo e seus corpos seriam úteis aos desejos dos “senhores”. Nota-se, no entanto, que para nenhuma delas seria permitido expressar-se em real liberdade, com risos, gestos, tampouco consumindo bebidas que a fariam “perder o controle”.

A sequência anterior também faz uso do termo “ter graça”, que, dentro das possíveis interpretações, destacamos duas, estando a primeira relacionada à ideia de graciosidade, beleza, delicadeza de um gesto ou ação, enquanto a segunda seria a comichão, algo que faz rir. O discurso machista associa a beleza e a graciosidade com o imaginário de mulher, e ao comparar o comportamento de Rosa Palmeirão ao de um homem, o termo passa, dentro desse discurso, a reproduzir o lado cômico de uma mulher que se desloca de

seu papel. É a mulher que se torna alvo de piada, tendo por isso sua posição, voz, autoridade questionadas quando passa a ocupar um espaço ideologicamente masculino.

A existência de Rosa Palmeirão, portanto, balança entre dois seres: de um lado, aquele que, quando se contra identifica com a posição da mulher na memória discursiva, é levada à comparação ao homem; do outro, o ser sexualizado, idealizado por ele, e a ele submisso: “suas mãos, que manejam facas e navalhas, são agora doces e sustêm a cabeça de Guma, que repousa. Sua boca, que diz palavrões, é terna agora e sorri de amor”. (Amado, 2012, p.59). Sua beleza, portanto, característica principal para o pleno exercício de sua função social enquanto objeto sexual, depende de seu retorno à posição-sujeito mulher na ideologia vigente: “Nem parece que é Rosa Palmeirão de tão bonita.” (Amado, 2012, p.53).

O discurso reproduzido na obra encontra-se presente em práticas que resultam no controle e na intimidação da mulher, e que (re)afirmam no imaginário sua posição de objeto sexual. Dentro dessa perspectiva, um dos casos recentes mais notórios aconteceu no ano de 2020, em plenária da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), quando um crime de importunação sexual foi cometido por Fernando Cury, contra Isa Penna, ambos até então deputados da casa. Tendo sido condenado, o importunador havia colocado as mãos nos seios da deputada, a qual, mesmo depois de demonstrar insatisfação, afastando-o de si, teve novamente seu corpo tocado por ele.

A cena do crime de importunação sexual (Imagem 1) foi testemunhada por outros deputados, em sua maioria homens, os quais se abstiveram, atitude que Pêcheux (1995) teoriza, afirmando que os sujeitos dominados por uma mesma formação discursiva:

se reconhecem entre si como espelhos uns dos outros: o que significa dizer que a coincidência (que é também convivência – e mesmo, cumplicidade) do sujeito consigo mesmo se estabelece pelo mesmo movimento entre os sujeitos, segundo a modalidade do “como se” (como se eu que falo estivesse no lugar onde alguém me escuta) (Pêcheux, 1995, p. 168).

Analizando o caso discursivamente sob o recorte escolhido, tem-se uma mulher ocupando uma posição historicamente masculina, em um ambiente do qual foi por muito tempo proibida de frequentar, que tem seu corpo tocado por um homem, sem seu consentimento. Trata-se de efeitos de sentido conduzidos por uma contra identificação a essa posição da mulher não naturalizada pela ideologia vigente,

a qual mantém-se presente, pelo resgate e (re)afirmação, via memória discursiva, da posição da mulher como objeto de satisfação sexual. Nota-se que, mesmo se tratando de um ato criminoso, previsto em lei, a ideologia patriarcal se mantém no funcionamento do discurso da invencibilidade do poder do masculino, discurso esse (re)produzido pelo sujeito autor do crime e pelas testemunhas, que normalizaram o ato.

IMAGEM 1: Importunação sexual presenciada em sessão na ALESP



Fonte: CNN Brasil¹

O mesmo discurso é (re)produzido mais uma vez em caso público contra mulher ocupando espaço de poder cinco anos depois, dessa vez contra a presi-

denta do México Claudia Sheinbaum². Enquanto ela cumprimentava apoiadores perto do palácio presidencial, um homem se aproximou tentando beijá-la no pescoço e aproximando suas mãos de sua cintura e seus seios, tendo sido, neste momento, impedido pelos seguranças da Presidenta (Imagem 2).

¹ Vídeo mostra assédio sexual contra deputada durante sessão na Alesp | CNN Brasil Acesso em 06-06-2025

² Disponível em: <Presidente do México sofre assédio sexual na rua.> Acesso em 18 nov. 2025.

IMAGEM 2: Assédio sexual contra a Presidenta do México.



Fonte: G1 Mundo³

Em dezembro de 2014, um outro caso de grande repercussão foi o da apologia ao estupro feita por Jair Bolsonaro. O então deputado declarou à deputada Maria do Rosário que não a estupraria porque ela não merecia, e a chama de vagabunda (Imagem 3). Novamente se tem uma

reprodução de um discurso contra uma mulher em posição de poder, discurso que novamente traz sua patriarcalmente naturalizada posição de objeto sexual à serviço da sociedade. Mais uma vez a memória sendo acionada via discurso para a sobrevivência de um imaginário.

8

IMAGEM 3: Apologia ao estupro durante entrevista na Câmara dos Deputados



Fonte: Youtube.com⁴

³ Disponível em: <Presidente do México sofre assédio sexual na rua.> Acesso em 18 nov 2025

⁴ Maria do Rosário Vs Jair Bolsonaro. (sem cortes) ano 2003. Acesso em 04-05-2025

Enquanto materialidade discursiva, a imagem reproduzida na Imagem 3, apresenta Bolsonaro apontando o seu dedo indicador para Maria do Rosário. Na cena tem-se um retrato das formações imaginárias em ação, onde os lugares que cada sujeito posiciona a si e ao outro são resgatados de suas formações discursivas. A postura de Bolsonaro resgata a posição do imaginário da mulher submissa ao homem que a domina.

Em *O Nome da Rosa*, Umberto Eco (1986) trabalha a relação entre o medo e o riso, descrevendo no romance como a coragem do medroso surge da imposição de seu próprio medo ao outro. Com isso, diz que a lei é imposta pelo medo, mas que, ao mesmo tempo, é necessário a distração do medo por meio do riso. Fazendo-se um paralelo com a nossa discussão, o homem temeroso de perder seu lugar de poder, se utiliza do discurso do medo a mulheres por meio de um caminho cômico, facilitando a naturalização desse discurso para manter sua posição imbricada na ideologia dominante.

A Pombagira é uma entidade que popularmente é ao mesmo tempo temida e alvo de piadas. Da mesma forma Rosa Palmeirão é colocada na obra, como uma mulher com ‘muita graça’, como mencionado anteriormente, e que também impõe o medo, não só pelo seu comportamento com características naturalizadas como masculinas, mas também pelo discurso do pecado associado ao corpo feminino: “todos têm medo da navalha na saia, do punhal no peito, da mão fechada. Mas tem mais medo ainda do corpo bem feito de Rosa Palmeirão” (Amado, 2012, p.52).

O medo é a principal arma de imposição do homem dentro da sociedade, e é dele que o discurso machista lança mão ao criar um imaginário esculpido na “mulher-macho”. Desta forma, quando Rosa Palmeirão se mostra com navalha, punhal e mão fechada, ela sai do imaginário de mulher, se posicionando dentro dessa nova configuração e fomentando discursos que geram um certo medo e repulsa desse novo ser, não natural e selvagem. Adicionalmente, o trecho retirado da obra reproduz o discurso do mito adâmico, também (re)afirmando discursivamente seu lugar de “Eva”, novamente posicionando a mulher como objeto sexual que deve ser silenciado, sendo ela a culpada pelo pecado. A curta passagem (re)

produz, portanto, o imaginário de dois seres a serem temidos, no entanto um deles é passível de ser controlado.

O discurso que incita o medo e a repulsa da “mulher-macho” pode ser inferido de dizeres associados a mulheres que assumem postos de poder. Dentre elas, a que recebeu maior destaque em caso recente foi a ex-presidenta Dilma Rousseff, a qual ganhou fama de ‘durona’. Essa adjetivação construiu um novo ser no imaginário dos sujeitos, o qual suscitará questionamentos sobre seu profissionalismo. Sobre essa fama, a própria Dilma comentou, em tom de ironia: “sou uma mulher dura, rodeada de homens meigos”⁵. Sua fala carrega um contradiscurso, ao que pode ser interpretado com a existência da mulher dura dependente da existência do homem “delicado”, característica do imaginário associado ao feminino.

Entre o temor e a piada, Dilma também foi alvo de discursos que a compararam, em tom de chacota, com objetos e animais, em referência às suas roupas.⁶ Analogamente, a ministra do STF e atual Presidente do TSE, Carmem Lúcia, ao assumir a presidência da suprema corte no período entre 2016 e 2018, também foi alvo de zombaria ao ser comparada a um personagem criado pelo comediante Chico Anysio⁷.

Segundo Daróz e Pinheiro (2020) a representação de mulher idealizada como bela e frágil convoca também a um lugar recluso ao ambiente doméstico, historicamente significado como lar, e à posição de cuidado da família; “Uma posição de submissão ao outro e, ainda, de anulação de si, em prol do cuidado e o bem-estar do outro” (op.cit, p. 182). A reprodução desses sentidos é fundamental para manutenção do *status quo* da ideologia machista, (re)produzindo uma série de “coerções materiais e ideológicas que direcionam as mulheres a ocuparem o seu lugar na sociedade, qual seja a reclusão do seu lar, devendo ser bela e recatada, sempre pronta para os cuidados da família e a satisfação masculina” (Daróz; Pinhei-

5 Dilma fala sobre a fama de durona e elogia Marina Silva: Ela é bem-vinda à disputa eleitoral Acesso em 06-06-2025

6 Roupas de Dilma Rousseff vira meme na internet. Acesso em 06-06-2025 Ode a Dilma D'Angola | JOSÉ PEDRIALI Acesso em 06-06-2025

7 Bento Carneiro, o vampiro brasileiro, apresenta a sua irmã do mei: Jornal da Cidade Acesso em 06-06-2025

ro, 2020, p.182). Dinâmica social que reflete em diferentes setores da sociedade ainda atualmente.

A política brasileira segue (re)produzindo o discurso patriarcal ao tentar retirar da mulher a sua capacidade e profissionalismo, como o reproduzido em outubro do ano passado, em uma sessão na câmara dos deputados, quando a ministra Marina Silva foi chamada de “capacho de ONGs”, e que havia passado por um adestramento para fazer sua fala à comissão⁸. Segundo a BBC Brasil⁹, o Senador Plínio Valério declarou: “Imagine o que é tolerar a Marina 6 horas e 10 minutos sem enforcá-la?”. A ministra também foi vítima de violência política de gênero mais recentemente em uma audiência da Comissão de Infraestrutura do Senado, quando o Senador Marcos Rogério a mandou “se pôr no seu lugar”. Na mesma audiência o Senador Plínio Valério afirmou que respeitava a mulher, mas não a ministra. Nota-se como a posição-sujeito mulher encontra-se em pleno funcionamento dentro da ideologia dominante, quando a ministra Marina Silva se desloca do imaginário naturalizado.

O funcionamento do discurso patriarcal também se dá pelo braço da aparência física, onde idade e roupas são utilizadas como meio para desviar a atenção da atuação da mulher, como se deu em abril deste ano, quando a deputada Ana Júlia, ao questionar o profissionalismo de um colega de casa, foi por ele criticada pela escolha de sua roupa, fazendo referência, também à sua idade¹⁰.

Todos esses casos revelam o lado trágico de uma sociedade ainda fortemente enraizada no machismo. Segundo o portal do Conselho Nacional de Justiça (CNJ - 7 de dezembro de 2022)¹¹, a violência política contra mulheres se encontra em uma taxa de 7 casos a cada trinta dias, apesar de já ser um crime tipificado em lei desde agosto de 2021. Em entrevista ao site, a então ministra Maria Claudia Bucchianeri afirmou que a situação é ain-

da mais aguda, quando envolve a mulher negra, devido ao volume de ameaças que recebem. Entre 2021 e 2023 foram 175 casos registrados¹².

O trágico, que também se disfarça no cômico e no temor jocoso, se revela sem timidez, e o caso de maior exemplo recente na história da política brasileira foi o assassinato de Marielle Franco. Mulher silenciada. A quinta vereadora mais votada no Rio de Janeiro em 2016 teve sua vida interrompida em 14 de março de 2018. Assassinada a tiros, foi divulgado, após atraso nas investigações, que os mandantes e executores do crime são milicianos e policiais do alto escalão. Marielle lutava contra a grilagem em terra dominada pela milícia¹³.

O caso denuncia a crença na impunidade quando se trata de crimes contra mulheres dentro da ideologia patriarcal, que faz funcionar práticas de violência de gênero naturalizadas. A repercussão do crime dentro da sociedade e a condenação dos criminosos revelam deslocamentos dentro da memória discursiva, frutos da (r)existência feminina.

Algumas considerações mais

(...) se mulher da Bahia é assim, que dizer dos homens?

(Amado, 2012, p. 57)

No romance, ao apresentar uma personagem mulher que porta navalha e punhal, é também apontado a ela um não lugar social, visto que sua posição não pode ser a ocupada pelo masculino (é mulher) tampouco pelo feminino (possui hábito masculino - navalha). No entanto, enquanto corpo feminino, é também objeto de desejo, convocando-a à volta a esse seu lugar pré-determinado na ideologia patriarcal.

É o discurso colocado em funcionamento quando o domínio passa às mãos da mulher, que, ao não cumprir com seu papel naturalizado, torna-se alvo de dizeres que resgatam sentidos

8 Bate-boca na Câmara: deputados dizem que Marina é 'capacho' e passou por 'adestramento'; ministra se defende | Política | G1 Acesso em 06-06-2025

9 Marina Silva atacada no Senado: o que motivou ofensas? - BBC News Brasil. Acesso em 06-06-2025

10 Deputado do Paraná ataca roupas de deputada após ela protocolar pedido para que ele perca cargo na CCJ por faltas consecutivas | Paraná | G1 Acesso em 06-06-2025

11 Violência política de gênero: Brasil registra sete casos a cada 30 dias - Portal CNJ Acesso em 06-06-2025

12 Uma em cada quatro denúncias de violência política de gênero foi encerrada ou arquivada, diz esquisa | CNN Brasil Acesso em 06-06-2025

13 Quem foi Marielle Franco? Conheça a sua história Acesso em 07-06-2025

para desqualificá-la em uma tentativa de resgate ao seu papel na memória discursiva, cuja aparência deve se moldar ao imaginário de objeto sexual passível de dominação. É o discurso que teme o destemor da mulher e sua transformação em um ser que não mais serve a seu propósito ideologicamente construído.

Enxergar a mulher realizando atividades masculinas é enxergar uma ameaça. Essa ameaça tende a resultar em expressões que espalham o medo e a piada como gatilhos para a repulsa ao sujeito, distribuindo a ideia de que ela deveria retornar ao seu posto original, frequentemente atualizado via discursos aparentemente inofensivos.

Sente-se a necessidade de evidenciar outros sentidos por meio de contradiscursos, como o proferido pela ex-presidenta Dilma, para que a sociedade engendrada no machismo passe a ser posta em funcionamento por novos sentidos, atualizados, onde mulheres tenham espaço de fala e atuação, atualizando a posição-sujeito mulher ao mesmo tempo que desfaz e desnaturaliza o imaginário de objeto sexual.

A ideologia patriarcal, enquanto dominante, sempre encontrará espaços para sua (re)produção, estando naturalizada nas práticas sociais. É necessário, portanto, que mulheres ocupem esse não-lugar, promovendo novos espaços de poder e autonomia para o feminino, e que (re)existam nessa nova posição, não se deixando intimidar por discursos e práticas machistas naturalizadas ao longo da nossa história.

Diante do silenciamento, da tentativa de deslocamento simbólico e das práticas discursivas que negam a legitimidade da mulher em espaços historicamente masculinos, como o campo político, é urgente reconhecer e fortalecer os movimentos de (r)existência que as mulheres constroem cotidianamente. A análise da personagem Rosa Palmeirão evidencia como os efeitos do discurso machista operam na produção de um não-lugar para a mulher que desestabiliza as normas do imaginário patriarcal. No entanto, é precisamente nesse tensionamento que emerge a potência da resistência.

Por isso, manter vivos os debates que problematizam essas estruturas, bem como sustentar

espaços de escuta, crítica e produção de novos sentidos, é essencial para consolidar os avanços já conquistados e impulsionar transformações sociais que garantam às mulheres o direito de existir, agir e ocupar — sem concessões — todos os lugares que historicamente lhes foram negados.

Sob essa perspectiva, acreditamos que este artigo pode contribuir para o campo dos estudos discursivos ao evidenciar como o discurso machista se ancora em formações imaginárias que atravessam e regulam as posições-sujeito das mulheres, sobretudo na política, espaço ainda marcado por práticas de exclusão e violência simbólica. Ao articular conceitos da Análise do Discurso de linha materialista com reflexões feministas, especialmente a crítica de Simone de Beauvoir (2019) à construção da figura da “mulher-macho”, a análise propõe uma leitura crítica dos modos como certos dizeres buscam interditar a presença feminina em locais de poder.

Nesse sentido, o trabalho não apenas lança luz sobre os mecanismos de funcionamento do discurso patriarcal, mas também amplia as possibilidades de leitura e intervenção sobre os modos de significação da mulher na sociedade, reforçando a importância de se pensar estratégias discursivas que potencializem sua agência e (r)existência.

Desse modo, ao evidenciar o funcionamento do imaginário de “mulher-macho” como um operador discursivo que sustenta práticas de exclusão e violência simbólica, este estudo demonstra que tais dizeres não apenas produzem sentidos sobre a mulher na política, mas também lhe impõem um não-lugar discursivo, resultante de formações imaginárias ancoradas na ideologia patriarcal. Esse não-lugar, longe de se apresentar como uma ausência neutra, constitui-se como efeito histórico e ideológico de processos de significação que interditam a ocupação da posição-sujeito mulher. Assim, ao articular Análise do Discurso e Psicanálise lacaniana, o trabalho contribui para a compreensão dos modos pelos quais o discurso machista opera na manutenção de relações desiguais de poder, reafirmando a necessidade de tensionar tais imaginários no campo social e político.

Referências

- Amado, J. (2012). *Mar morto* (1ª ed.; Posfácio de A. M. Machado). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Beauvoir, S. (2019). *O segundo sexo: Fatos e mitos* (S. Milliet, Trad.; 5ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Daroz, E. P.; Pinheiro, T. (2020) A participação feminina no jogo político brasileiro: uma disputa entre o público e o privado. *Revista Linguagem*, São Carlos, v.36, p. 169-184.
- Davis, A. (2016) *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.
- Eco, H. (1986) *O Nome da Rosa*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Fukue, M. R. Y. (2009). Contribuições do conceito de identificação imaginária lacaniana para a Análise do Discurso. In *Anais do IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD): 1969–2009 – Memória e história na/da Análise do Discurso*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96–103). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lugones, M. (2020). Colonialidade e gêneros. In H. B. Hollanda (Org.), *Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais* (pp. 53–83). Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo.
- Magalhães, B., & Mariani, B. (2010). Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, 10(2), 391–408.
- Mariani, B. (2003). Subjetividade e imaginário linguístico. *Linguagem em (Dis)curso*, 3(Número especial), 55–72.
- Oliveira, F. A. (2010). Análise do discurso e Psicanálise: a questão do sujeito. *Revista da ALED*, 10(2), 77–85.
- Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio* (2ª ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Pêcheux, M. (2014). Análise automática do discurso (AAD-69). In F. Gadet & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (5ª ed., pp. 59–158). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Pêcheux, M. (2015). Papel da memória. In P. Achard et al., *Papel da memória* (3ª ed., pp. 43–51). Campinas, SP: Pontes Editores.